

O QUE OS DICIONÁRIOS ESCOLARES NOS DIZEM SOBRE OS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS?

Hugo Leonardo Gomes dos Santos ¹

RESUMO

Os dicionários são tidos, ao lado das gramáticas, como autoridades sobre as questões linguísticas. No entanto, como artefatos culturais, são recortes da visão de mundo de determinados grupos sociais privilegiados em nossa sociedade. Portanto, é importante compreendermos como essas obras representam grupos sociais desprestigiados e minorias, especialmente os dicionários escolares do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - 2012), pois são obras adotadas pelos sistemas educacionais públicos e podem ser utilizadas para gerar debates no ambiente escolar. Dessa forma, nosso objetivo nesta pesquisa é investigar como os dicionários escolares representam os homossexuais masculinos. Tomando como fonte os cinco dicionários escolares direcionados para os anos finais do ensino fundamental (BECHARA, 2011; FERREIRA, 2011; GEIGER, 2011; RAMOS, 2011; SARAIVA; OLIVEIRA, 2010), selecionamos 40 ocorrências de 11 entradas referentes a substantivos relacionados aos homossexuais masculinos: ‘baitola’, ‘bicha’, ‘boiola’, ‘boneca’, ‘gay’, ‘homo’, ‘homossexual’, ‘maricas’, ‘mariquinhas’, ‘pederasta’ e ‘veado’. Analisamos suas definições, suas marcas de uso e suas remissivas. A partir do arcabouço teórico da Metalexicografia (PONTES, 2009; PORTO DAPENA, 2002; SANTOS, 2016; WELKER, 2004) e da Lexicografia Discursiva (ORLANDI, 2000; NUNES, 2010), os dados levantados apontam para: (1) a existência de traços semânticos nas definições que marcam as diferenças entre as diferentes formas de expressão da homossexualidade masculina, como a aproximação com aspectos tidos como femininos; (2) algumas dessas formas de expressão da homossexualidade masculina recebem marcas indicativas de usos pejorativos, como ‘bicha’, ‘boiola’ e ‘baitola’, não apresentando definições claras apenas remissivas que levam o leitor a palavras de uso não marcado, como ‘homossexual’; e (3) os dicionários apresentam redes de remissões que organizam as palavras e conduzem o leitor das palavras de sentido marcado e sem definição para as palavras de sentido não marcado e com definições. Os resultados ilustram os preconceitos e as pressões sociais a que pessoas LGBTQ+ podem estar sujeitas em nossa sociedade.

Palavras-chave: LGBTQ+, Definição, Traço semântico, Pejorativo, Remissiva.

INTRODUÇÃO

Os dicionários e as gramáticas são considerados autoridades sobre as questões linguísticas. A importância dessas obras é tamanha que chegamos a arbitrar sobre a existência ou não de alguma palavra ou expressão pela sua presença em um dicionário de língua é preciso romper com a visão ingênua sobre os dicionários e passar a vê-los como artefatos

¹ Doutorando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará - PPGLin/UFC, prof.hugoleo13@gmail.com.

culturais. Nessa perspectiva, os dicionários são recortes da visão de mundo de determinados grupos sociais privilegiados em nossa sociedade e registram (ou reproduzem?) os significados que esses grupos sociais atribuem ao mundo.

Coroa (2011, p. 62-63) afirma que “[...] o dicionário revela-se não uma contraparte linguística para objetos do mundo, mas uma intermediação simbólica dos significados linguísticos”. Este aspecto das obras lexicográficas é chamado por Pontes (2009) de aspecto discursivo, uma vez que o dicionário é fruto das relações simbólicas culturalmente situadas e ideologicamente orientadas. Por outro lado, o autor também aponta que o dicionário é resultado do entrecruzamento de diferentes vozes sociais que se questionam mutuamente no texto lexicográfico, dando origem ao caráter polifônico dessas obras (PONTES, 2009).

Então, embora o ponto de vista dos grupos dominantes, em geral, prevaleça, também há espaço no dicionário para a manifestação de diferentes grupos sociais e suas formas de significar o mundo. Dessa forma, enquanto artefato cultural, o dicionário é fruto e testemunha das mudanças sociais, tecnológicas e culturais pelas quais uma sociedade passa ao longo do tempo. Interessa, portanto, compreender como essas diferentes vozes sociais, originadas em sua maioria de grupos sociais desprestigiados e minorias, estão presentes nos dicionários.

Decorre disso, a necessidade de uma abordagem discursiva nas pesquisas sobre os dicionários como ressalta Orlandi (2000). Nesse sentido, podemos citar os trabalhos que discutem o preconceito racial em dicionários portugueses (CORREIA, 2006), o preconceito social sofrido por trabalhadores e moradores das ruas em dicionários brasileiros (NUNES, 2010) e o preconceito contra a mulher em um dicionário de usos brasileiro (PONTES; SANTOS, 2014).

Esse interesse ganha maior importância se pensarmos no ambiente escolar e na formação de cidadãos. No Brasil, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), várias obras lexicográficas são avaliadas, selecionadas e distribuídas para as escolas de todo o Brasil. Santos e Sousa (2020) destacam a importância desse programa para o acesso a obras de qualidade e para o desenvolvimento da Lexicografia, prática e teórica, no Brasil.

Diante desse cenário, destacamos a necessidade de investigar os dicionários escolares sob a ótica da Metalexicografia e da Lexicografia Discursiva, elegendo como recorte temático um grupo social minoritário: os homossexuais masculinos. Dessa forma, nosso objetivo nesta pesquisa é investigar como os dicionários escolares representam os homossexuais masculinos, tomando por base as definições, as marcas de uso e o sistema de remissivas das obras analisadas.

Sobre a estrutura do presente trabalho, esta introdução é a primeira das quatro seções que o compõem. Na próxima seção, abordamos os aspectos metodológicos do presente trabalho. A seção seguinte apresenta os resultados de nossa pesquisa e a discussão de nossos achados. Por fim, a última seção apresenta nossas considerações finais seguidas da lista de referências adotadas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva de natureza qualitativa, uma vez que estamos interpretando as informações encontradas nos verbetes com vistas a discutir suas implicações. Os dicionários que serviram de fonte para esta pesquisa foram os seguintes: DABL: *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011); AJ: *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011); CA: *Caldas Aulete* (GEIGER, 2011); DDLP: *Dicionário didático da língua portuguesa* (RAMOS, 2011); e SJ: *Saraiva jovem* (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010).

Esses dicionários são classificados pelo PNLD 2012 – Dicionários (BRASIL, 2012) como dicionários tipo 3. A organização em tipos adotada pelo programa se refere às fases pelas quais o educando passa, desde a alfabetização no início do ensino fundamental ao ensino médio. Os dicionários tipo 3, em nosso caso, são direcionados para alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), e apresentam uma proposta lexicográfica adequada a esse segmento, tendo entre 19 mil e 35 verbetes.

A partir desses dicionários, em Santos (2016), operamos a composição de um *corpus* de verbetes referentes a substantivos relacionados aos homossexuais masculinos. O *corpus* é composto por 40 ocorrências de 11 entradas, conforme mostra o Quadro 1:

Quadro 1 – Verbetes do *corpus* principal por dicionário

Entrada	DABL	AJ	CA	DDL	SJ	Total
Baitola			X	X	X	3
Bicha	X		X	X	X	4
Boiola			X	X	X	3
Boneca	X		X	X	X	4
Gay	X	X	X	X	X	5
Homo				X		1
Homossexual	X	X	X	X	X	5
Maricas	X	X	X	X	X	5
Mariquinhas			X			1
Pederasta	X	X	X	X	X	5
Veado	X		X	X	X	4
Totais	7	4	10	10	9	40

Fonte: Adaptado de Santos (2016).

Ainda sobre o *corpus*, é importante registrar que o AJ apresenta mais quatro verbetes de nossa lista de entradas: ‘bicha’, ‘boneca’, ‘homo’ e ‘veado’. Entretanto, esse dicionário não apresenta, nesses verbetes, acepções relacionadas a homossexuais masculinos, por isso, esses verbetes foram excluídos de nossas análises.

Os verbetes que compõem o *corpus* principal foram analisados em relação a três aspectos, a saber: (1) definições, buscando identificar os traços semânticos que aproximam e distanciam as entradas; (2) marcas de uso, buscando compreender em que contextos e com que significados sociais, de acordo com os dicionários, as entradas selecionadas seriam usadas; e (3) remissivas, procurando observar como os dicionários constroem relações entre as palavras em análise.

Para a análise desse último aspecto, foi necessário compor um *corpus* secundário devido às remissivas implícitas presentes nas definições analisadas. As entradas desse segundo *corpus* não foram selecionadas para o principal por se tratarem de adjetivos ou de substantivos que se referem a características relacionadas às pessoas homossexuais, segundo os dicionários analisados. Os verbetes que compõem esse *corpus* secundário são os seguintes: ‘afeminado’, ‘efeminado’, ‘heterossexual’, ‘homossexualidade’, ‘homossexualismo’ e ‘pederastia’.

As análises foram feitas com base em Pontes (2009), Porto Dapena (2002) e Welker (2004), além de outros trabalhos de nossa autoria, como Santos (2016) e Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciarmos as análises, é necessário compreender como dicionário e verbete se organizam. De acordo com Pontes (2009) e Welker (2004), o dicionário apresenta uma organização complexa de estruturas que se justapõem e se enlaçam formando a obra como um todo. Os diferentes níveis de organização do dicionário são chamados de ‘estruturas lexicográficas’ e são cinco: (1) megaestrutura, estrutura geral em que as demais se encaixam, compreendendo a obra de capa a capa; (2) macroestrutura, a relação de palavras contempladas no dicionário, indo do primeiro verbete da letra ‘a’ ao último da letra ‘z’; (3) microestrutura, as informações constantes no verbete sobre a palavra-entrada; (4) medioestrutura, ligações internas e/ou externas à obra que formam uma rede de remissivas entre os diferentes níveis organizacionais do dicionário; e (5) textos externos, gêneros que compõem a obra e são

externos à macroestrutura, como uma introdução, um guia de uso, uma lista de abreviaturas, ou um guia de conjugação verbal.

A partir dessa compreensão, é possível perceber que os dicionários são obras complexas que podem ser abordadas de diferentes perspectivas e com diferentes pontos de partida. Em nosso caso, nossa pesquisa foca em informações presentes na microestrutura (definição e marca de uso) e na medioestrutura (remissiva), que se materializam no verbete lexicográfico.

A respeito do verbete, Pontes (2009) e Welker (2004) apontam que as principais informações que constam nos verbetes são: (1) entrada: palavra de acesso às informações do verbete; (2) informação fônica: pronúncia da entrada e suas variantes fonéticas; (3) informação gramatical: classe gramatical ou informação morfossintática; (4) marca de uso: informação sobre o contexto de utilização da entrada; (5) definição: enunciado que apresenta os traços semânticos da entrada; (6) exemplo de uso: enunciado que mostra a entrada em uso; (7) colocações e fraseologias: construções sintáticas com a entrada; e (8) remissões: indicação de conexões entre as informações no interior do verbete ou entre o verbete e outras estruturas lexicográficas.

De posse dessas considerações, é iniciarmos nossas análises, focando especificamente nas informações do verbete que constituem o objeto de nossa pesquisa. Inicialmente, abordaremos as definições dos verbetes, em seguida, analisaremos as marcas de uso usadas em cada entrada e, depois, analisaremos as relações medioestruturais entre as entradas. Após analisar cada informação separadamente, estabeleceremos relações entre essas análises, buscando responder a pergunta que figura como título de nosso artigo: o que os dicionários escolares nos dizem sobre os homossexuais masculinos?

A definição, primeiro elemento do verbete a ser analisado, costuma apresentar uma estrutura sintática diferenciada. Porto Dapena (2002) e Pontes (2009) explicam que, em geral, as definições apresentam a seguinte organização: *genus proximum* (hiperônimo) mais *differentia specifica* (características que descrevem e diferenciam a entrada de outros objetos do mesmo *genus proximum*). Essa regra é bastante aplicada em relação a palavras da classe dos substantivos. Dessa forma, temos um termo classificador, que insere a entrada em uma categoria de seres ou objetos que possuem características em comum, seguido de traços semânticos, que especificam ou diferenciam a entrada naquela categoria.

Ao analisar nossos verbetes, encontramos as seguintes possibilidades de hiperônimos, de sinônimos e de traços semânticos, conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Hiperônimos (1), sinônimos (2) e traços semânticos (3) das entradas

		Baitola	Bicha	Boiola	Boneca	Gay	Homossexual	Maricas	Pederasta	Veado
1	Homem		X		X			X	X	X
	Homossexual				X					
	Indivíduo							X		
	Pessoa					X	X	X		
2	Homossexual	X	X	X	X	X			X	X
3	Atração sexual						X			
	Relação sexual						X		X	
	Interesse amoroso						X			
	Usar roupa feminina				X					
	Efeminado		X		X			X		
	Medroso							X		
	Idade adulta								X	

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesse quadro, tivemos que retirar os verbetes ‘homo’ e ‘mariquinhas’, uma vez que eles não apresentam definições apenas remissivas. De acordo com os dados levantados, existe uma característica em comum ou uma categoria geral que engloba a maior parte das expressões da homossexualidade masculina: a categoria ‘homossexual’, caracterizada, principalmente, pelo traço ‘atração por pessoa do mesmo sexo’. Os hiperônimos ‘homem’, ‘pessoa’ e ‘indivíduo’ também são utilizados, mas não apresentam muita frequência, possivelmente, por terem um sentido mais genérico de ‘ser humano’. Essa escolha poderia expandir demais o escopo semântico da definição e aumentar a necessidade de traços semânticos para diferenciar as entradas.

A partir dos dados referentes aos traços semânticos, é possível perceber que os dicionários analisados são sensíveis a diferentes formas de expressão da homossexualidade masculina. As formas de expressão da homossexualidade masculina presentes em nossa pesquisa se diferenciam umas das outras de acordo com características diversas. Os ‘modos efeminados’ estariam presentes nas entradas ‘bicha’, ‘boneca’ e ‘maricas’, porém, a entrada ‘boneca’ é a única que apresenta o traço ‘usar roupas femininas’, enquanto a entrada ‘maricas’, por sua vez, apresenta o traço ‘ser medroso’.

É importante destacar ainda que apenas um dos cinco dicionários pesquisados apresentou o traço ‘interesse amoroso por pessoa do mesmo sexo’, a saber: o SJ. Os traços mais frequentes para a entrada ‘homossexual’ são ‘atração sexual por pessoa do mesmo sexo’ e ‘relação sexual por pessoa do mesmo sexo’, compartilhados com a entrada ‘pederasta’. Sobre essa entrada, os dicionários indicam que se trata de um homem adulto que tem relações sexuais com alguém mais jovem. Essa combinação de traços leva à confusão entre ‘pederastia’ e ‘pedofilia’ como destacado em Santos (2016) e Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019). Apenas um dicionário dos cinco consultados, o DDLP, alerta o leitor para a diferença entre esses termos.

Em relação ao segundo aspecto em análise, as marcas de uso são rótulos ou etiquetas que aparecem, geralmente, abreviadas, acompanhando as definições das palavras. Porto Dapena (2002, p. 251) afirma que elas funcionam como “elementos indicadores de alguma característica relativa à natureza, ao uso ou ao valor da palavra-entrada em sua totalidade ou em algum de seus significados ou usos em particular”. Dessa forma, as marcas contextualizam os usos das palavras, podendo ser relacionadas à entrada em si ou restritas a uma acepção particular, indicando valores sociais e sentidos específicos do léxico.

O processo de marcação faz parte do planejamento da obra, delimitando a abrangência do dicionário, estabelecendo um sistema de marcas de uso utilizadas ao longo da obra. As pesquisas em Lexicografia têm ressaltado que cada dicionário acaba adotando um sistema particular de marcas. Dessa forma, a ausência de padrão de marcação e de explicações específicas sobre como funcionam o sistema de marcas da obra podem gerar dificuldades para o consulente.

No Quadro 3, a seguir, indicamos as marcas de uso que encontramos em nosso *corpus*.

Quadro 3 – Marcas de uso por entrada

Entrada	Marcas geográficas		Marcas de registro		Marcas avaliativas			
	Brasileirismo	Nordeste	Popular	Gíria	Tabu	Vulgar	Chulo	Pejorativo
Baitola		X		X				X
Bicha	X					X		X
Boiola			X					X
Boneca	X		X					X
Gay								
Homo								
Homossexual								
Maricas			X					X
Mariquinhas			X					X
Pederasta								X
Veado	X				X		X	X

Fonte: adaptado de Santos (2016).

Como é possível observar, encontramos marcas de três tipos: geográficas, de registro e avaliativas. Três entradas não apresentaram nenhuma marca: ‘gay’, ‘homo’ e ‘homossexual’. A marca de uso ‘pejorativo’ aparece, excetuando-se as três entradas já citadas, em todas as entradas pesquisadas. Dessa forma, podemos destacar que existem dois grupos de entradas em nosso *corpus*: um de sentido marcado ou pejorativo, formado pela maior parte das entradas; e outro de sentido não marcado, formado por apenas três entradas.

Sobre as marcas geográficas, três entradas apresentaram a marca ‘brasileirismo’ e apenas uma apresentou a marca ‘nordeste’. Como destacamos, o problema das marcas de uso está na ausência de critérios explícitos e partilhados entre as obras para que o consulente tenha

uma compreensão clara sobre os usos das palavras. O ‘brasileirismo’, nesse sentido, se configura como um complicador, pois, teoricamente, os dicionários escolares em análise devem contemplar a língua portuguesa falada no Brasil. Então, os sentidos marcados deveriam ser os pertencentes a outras variedades do português, como a europeia e a angola, por exemplo.

Sobre as marcas de registro, quatro entradas apresentaram a marca ‘popular’ e uma entrada foi marcada como ‘gíria’. É interessante ressaltar que a ausência de marcas de registro em entradas como ‘bicha’ e ‘veado’, se observado apenas o aspecto do registro, poderia gerar o entendimento de que essas palavras apresentam uso não marcado, portanto, poderiam ser usadas em situações formais, o que sabemos não ser o caso. Dessa forma, vemos o outro problema envolvendo as marcas de uso, a ausência de regularidades nos critérios de marcação das obras.

Sobre as marcas avaliativas, essa categoria de marcas se revelou, como dito, o critério de diferenciação das entradas de nosso *corpus*. Das entradas, oito apresentam a marca ‘pejorativo’, uma entrada apresentou a marca ‘vulgar’ e outra entrada apresentou as marcas ‘chulo’ e ‘tabu’. É interessante destacar que a entrada ‘veado’ foi a que recebeu mais marcas de avaliação negativa.

Observando a marcação das entradas ‘bicha’ e ‘veado’, é possível inferir outro detalhe sobre o processo de marcação encontrado nesses dicionários. A presença de marcas avaliativas negativas, provavelmente, indica para o consultante que o uso das entradas marcadas em um registro mais formal seria inadequado.

Relacionando esses dados aos resultados obtidos na análise das definições, temos que a categoria que engloba as entradas de nosso *corpus*, representada pela palavra ‘homossexual’, apresenta sentido não marcado. A escolha por essa entrada para representar o conjunto de entradas pode ser influenciada pela ausência de marcas, indicando um discurso neutro, teoricamente.

Também é possível unirmos as informações referentes à marcação das entradas aos dados obtidos na análise das definições, em especial, os sinônimos e os traços semânticos encontrados. As três entradas não marcadas apresentam os traços ‘atração por pessoa do mesmo sexo’, ‘ter relação sexual com pessoa do mesmo sexo’ e ‘interesse amoroso por pessoa do mesmo sexo’. No entanto, as outras entradas, marcadas como ‘pejorativo’, são apresentadas como sinônimos de ‘homossexual’, reforçando a necessidade de se esclarecer para o consultante a inexistência de sinônimos perfeitos, mas aproximações de sentido que guardam semelhanças e divergências entre as palavras em questão. Dessa forma, ‘baitola’,

‘bicha’, ‘boiola’, ‘boneca’, ‘pederasta’ e ‘veado’ podem se referir a homossexuais masculinos, mas em contextos preconceituosos e de maneira pejorativa.

Dentre os outros traços, chama a atenção que aqueles relacionados ao gênero feminino, ‘efeminado’ e ‘usar roupas femininas’, também aparecem em entradas marcadas. Esse dado reforça a compreensão de que a expressão externa das homossexualidades masculinas é alvo de preconceito em nossa sociedade. Os dicionários parecem registrar o discurso do ‘nada contra, mas precisa disso’. Em um nível mais profundo de abstração, poderíamos relacionar a marcação desses traços com a cultura do machismo, no entanto, só seria possível estabelecer essa relação a partir de dados sobre a representação feminina nesses dicionários.

O traço ‘ser medroso’ presente em ‘maricas’ e ‘mariquinhas’, por outro lado, parece apontar para a ausência de um traço importante no ideal de masculinidade da cultura machista, a coragem. A ausência desse traço em um homem e sua aproximação com o gênero feminino, então, são marcados nos dicionários escolares, tornando essas entradas pejorativas. Por fim, o traço ‘idade adulta’ de ‘pederasta’ já foi tratado e sua marcação como pejorativo reforça o aspecto negativo do uso dessa palavra.

Sobre o terceiro aspecto em análise, as remissivas formam um sistema de relações entre verbetes e entre as diferentes partes do dicionário. Segundo Welker (2004, p. 177), o sistema de remissões é usado para remeter o usuário de um lugar para outro. Pontes (2009, p. 88), por sua vez, afirma que esse nível estrutural do dicionário é um “sistema de referências entre as diferentes partes do dicionário”. Dessa forma, as remissivas deixam entrever a sistematização do sistema da língua em nível lexical e do próprio dicionário.

As remissivas aparecem no interior do verbete sob diversas formas, geralmente, abreviações como ‘V.’ e ‘Cf.’, respectivamente, ‘ver’ e ‘conferir’. Entretanto, formas não abreviadas também são usadas, em especial, nos dicionários direcionados ao público infantil. Outra possibilidade, destacada por Pontes e Fachine (2011), é o uso de cores, de números e de símbolos, como setas ou formas geométricas. Independente da forma adotada pelo dicionário para indicar as remissões, essa informação deve ser indicada no guia de uso da obra para que o consultante possa conhecer a proposta da obra e manuseá-la da melhor forma possível.

Dentre as classificações possíveis das remissivas, selecionamos para nossas análises as categorias ‘remissiva explícita’ e ‘remissiva implícita’, encontrada em Welker (2004) e Pontes (2009). A remissivas explícitas seriam aquelas em que há marcas indicativas de consulta, como as abreviaturas ‘V.’ e ‘Cf.’, já citadas. As implícitas, por sua vez, seriam as que não apresentam essas marcas indicativas, mas o leitor sente a necessidade de fazer uma

nova consulta para compreender alguma palavra da definição, por exemplo, que não tenha ficado clara, ou ainda pela escassez de informações na entrada consultada.

No Quadro 4, apresentamos as remissivas presentes nos verbetes de nosso *corpus* principal, em negrito, e do *corpus* complementar, em itálico. Para facilitar a compreensão do quadro, é necessário dizermos que a consulta das entradas da primeira coluna poderia levar o leitor a algum dos verbetes assinalados. Assim, ao consultar o verbebo ‘baitoila’, o consulente poderia sentir a necessidade de consultar também os verbetes ‘boiola’ e ‘homossexual’. Vejamos o Quadro 4:

Quadro 4 – Remissivas por entrada

Entradas	Baitola	Bicha	Boiola	Boneca	Gay	Homo	Homossexual	Maricas	Mariquinhas	Pederasta	Veado	Afeminado	Efeminado	Heterossexual	Homossexualidade	Homossexualismo	Pederastia
Baitola			X				X										
Bicha							X						X				
Boiola	X				X		X										
Boneca							X						X				
Gay							X								X		
Homo							X										
Homossexual						X	X							X	X		
Maricas												X	X				
Mariquinhas								X									
Pederasta							X										X
Veado							X										
<i>Afeminado</i>							X						X				
<i>Efeminado</i>							X					X					
<i>Heterossexual</i>							X										
<i>Homossexualidade</i>																X	
<i>Homossexualismo</i>							X								X		
<i>Pederastia</i>															X	X	

Fonte: elaborado pelo autor.

Como é possível perceber, a análise das remissivas comprova a centralidade da entrada ‘homossexual’ nesse conjunto de entradas. Essa entrada apresenta, como observado anteriormente, definições mais claras sobre a pessoa homossexual e não apresenta uso marcado. Dessa forma, as remissivas parecem conduzir o leitor de verbetes marcados e menos informativos para verbetes não marcados e mais informativos.

Levando em conta o tipo de remissiva adotado para estabelecer essas relações, a presença de remissivas explícitas é mínima em nosso *corpus*. Esse dado nos leva a refletir sobre a efetividade da consulta das entradas de nosso corpus para a compreensão de conceitos relacionados aos homossexuais masculinos. Uma vez que a maior parte das definições não apresentam informações claras e características que levem a compreensão do que é um homem homossexual, apresentando apenas sinônimos ou remissivas, a compreensão do leitor pode ficar prejudicada. Se levarmos em consideração que o público alvo das obras em análise, podemos destacar que as chances de os alunos dos anos finais do ensino fundamental prosseguirem na busca pelas informações adequadas é mínima, tanto pela crença de que a primeira definição encontrada se adequa a qualquer contexto, quanto pela falta de conhecimento sobre o funcionamento e a estruturação dos dicionários.

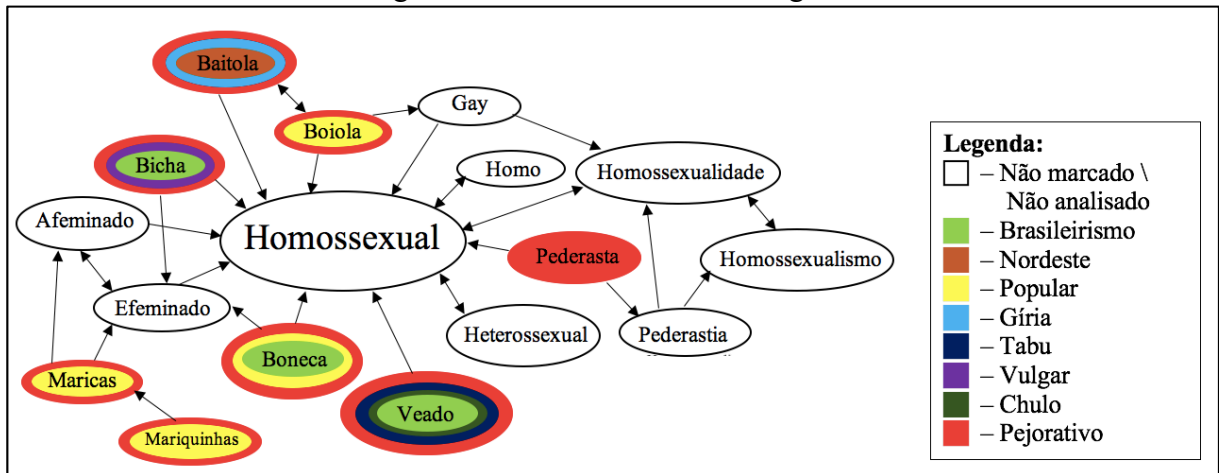
Dessa forma, dois aspectos precisam ser destacados. O primeiro aspecto trata do silenciamento promovido pelos dicionários. Considerando os aspectos destacados, os dicionários parecem querer esconder as relações entre as palavras desse campo lexical. Se considerássemos apenas as remissivas explícitas, o Quadro 4 estaria praticamente vazio. Portanto, fica subentendido que os dicionários não querem promover a compreensão sobre as palavras desse campo lexical e seus usos.

O segundo aspecto se refere a necessidade de instrução formal sobre o manuseio de dicionários. Os alunos precisam ser ensinados sobre as potencialidades e limitações desses dicionários. Isso só será possível se os professores também forem instruídos para trabalhar com esse tipo de obra. Muitas vezes, o manuseio do dicionário é aprendido de forma autônoma e sem acompanhamento, pois os próprios professores não foram ensinados formalmente a lidar com essas obras. O resultado disso, muitas vezes, é a subutilização dessas obras e, talvez o pior, a crença de que o dicionário não pode ser criticado.

Embora o *corpus* complementar não seja objeto de nossas análises, consideramos importante comentar a presença dos termos ‘homossexualidade’ e ‘homossexualismo’. Uma das discussões terminológicas do campo da sexualidade e do gênero social recai sobre a relação do sufixo ‘-ismo’ com palavras de aspecto negativo, como em ‘autoritarismo’, enquanto o sufixo ‘-(i)dade’ estaria relacionado a características constitutivas do ser, como em ‘autoridade’. Dessa forma, a palavra ‘homossexualidade’ deveria ser usada no lugar de ‘homossexualismo’.

Unindo as informações sobre as remissivas e sobre as marcas de uso, podemos formular uma imagem da rede de relações entre as entradas que denominamos “redes medioestruturais” (SANTOS, 2016). Vejamos a Figura 1:

Figura 1 – Rede medioestrutural geral



Fonte: elaborado pelo autor.

Em Santos (2016), apresentamos as redes de cada dicionário separadamente. No entanto, como estamos buscando aqui uma visão geral dos dados, unimos todas as informações em uma figura apenas. Como é possível observar, existe um fluxo de significados que leva das margens da figura para o centro dela, onde está a entrada ‘homossexual’. As redes medioestruturais possibilitam uma melhor visualização do fluxo de sentidos entre as entradas e têm se mostrado produtivas na compreensão de outras informações sobre os verbetes como indicado em Santos (2016), Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa elegemos como objetivo investigar como os dicionários escolares representam os homossexuais masculinos, por meio de suas definições, marcas de uso e remissivas. Através da análise de 40 verbetes, extraídos dos cinco dicionários tipo 3 do PNLD 2012, chegamos às seguintes conclusões:

(1) a sensibilidade a traços semânticos que podem marcar as diferenças entre as formas de expressão da homossexualidade masculina, como a aproximação com aspectos tidos como femininos ou não;

(2) a maioria das formas de referência aos homossexuais masculinos recebe marcas indicativas de usos pejorativos, como ‘bicha’, ‘boiola’ e ‘baitola’, não apresentando definições claras, apenas remissivas que levam o leitor a palavras de uso não marcado, como ‘homossexual’; e

(3) os dicionários apresentam redes de remissões que organizam as palavras e conduzem o leitor das palavras de sentido marcado e com definição menos informativa para as palavras de sentido não marcado e com definições mais informativas.

A metodologia adotada neste trabalho pode ser replicada com outros campos lexicais. Uma possibilidade é investigar outras expressões de gênero e de sexualidade como ressaltamos em relação à representação da mulher nos dicionários. Outra possibilidade é aplicar a análise de aspectos medioestruturais em conjunto com outros aspectos como fizemos aqui e em outros trabalhos (SANTOS, 2016; SANTOS; PONTES; PRAXEDES FILHO, 2019, 2020) a outros temas que podem ser sensíveis a posicionamentos ideológicos diversos, como as questões políticas e as questões raciais.

Na tentativa de responder à pergunta expressa no título deste trabalho, podemos afirmar que os dicionários escolares nos dizem que existem diferentes formas de expressão da homossexualidade masculina, mas a maioria das formas de se referir aos homens homossexuais é pejorativa em nossa sociedade. As relações entre as palavras que compõem o campo lexical em análise são expressas por meio de um fluxo de remissões que conduzem o consulente das entradas marcadas menos informativas para as entradas não marcadas mais informativas. A preferência por remissivas implícitas indica uma tentativa de obstruir a compreensão do leitor, uma vez que ele precisaria fazer diversas buscas até encontrar definições que possam, de fato, tirar suas dúvidas. Dessa forma, os resultados ilustram os preconceitos e as pressões sociais a que pessoas LGBTQ+ podem estar sujeitas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Brasília: MEC/SEB, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2012-pdf/12059-dicionario-em-sala-de-aula-pnld-pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de S.; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 61-72.

CORREIA, Margarita. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. **Alfa**, v. 50, n. 2, p. 155-171,



2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1417/1118>. Acesso em: 15 out. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GEIGER, Paulo (org.). **Caldas Aulete**: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HUMBLÉ, Philippe. O discurso do dicionário. *In*: COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; CABRAL, Leonor Scliar (orgs.). **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008. p. 318-344.

NUNES, José Horta. Espaço urbano, sujeito e dicionário: definição e formas do silêncio. **Fragmentum**, n. 26, p. 45-54, jul./set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/11147>. Acesso em: 15 out. 2020.

ORLANDI, Eni. Lexicografia Discursiva. **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 97-114, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201>. Acesso em: 15 out. 2020.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, Antônio Luciano; FECHINE, Lorena Américo Ribeiro. Metadiscorso verbal e visual: análise da medioestrutura de um dicionário de língua inglesa. **Palimpsesto**, v. 10, n. 13, p. 1-22, jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35361/25005>. Acesso em: 15 out. 2020.

PONTES, Antônio Luciano; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos. A representação do homem e da mulher no Dicionário de Usos do português do Brasil. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 123-140, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/84308>. Acesso em: 15 out. 2020.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos Libros S. L., 2002.

RAMOS, Rogério de Araújo (ed. resp.). **Dicionário didático de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: SM, 2011.

SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos. **Verbetes lexicográficos e Processos**: uma abordagem metalexigráfica e sistêmico-funcional de dicionários escolares. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Hugo%20Leonardo_.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.



SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; PONTES, Antônio Luciano; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. Marcas de uso e redes medioestruturais de verbetes sobre homossexual masculino em dicionários escolares. **Domínios de lingu@gem**, v. 12, n. 4, p. 2384-2410, 2019. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41313>. Acesso em: 15 out. 2020.

SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; PONTES, Antônio Luciano; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. Transitividade em definições de dicionários escolares: análise dos tipos de processos em verbetes sobre homossexuais masculinos. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 28, p. 218-237, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/30929>. Acesso em: 15 out. 2020.

SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; SOUSA, Ana Grayce Freitas de. Vinte anos de PNLD – Dicionários: impactos pedagógicos e acadêmicos. *In*: EDITORA POISSON (org.) **Série educar**: volume 37 – Teoria Educacional. Belo Horizonte: Poisson, 2020. p. 7-16.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida; OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. **Saraiva jovem**: dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

